ÁREA TEMÁTICA: (marque a área temática correspondente ao trabalho que foi indicado no momento da inscrição)

( ) COMUNICAÇÃO

( ) CULTURA

( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

(X) EDUCAÇÃO

( ) MEIO AMBIENTE

( ) SAÚDE

( ) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

( ) TRABALHO

OS SABERES INDÍGENAS PRODUZIDOS EM MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ESCOLAS INDÍGENAS

Ligia Paula Couto (UEPG)[1]

Ione da Silva Jovino (UEPG)[2]

Mikaeli Kethleyn Messias Luz (UEPG)[3]

Letícia Fraga (UEPG)[4]

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar os produtos desenvolvidos em parceria com o programa Saberes Indígenas, coordenado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). A partir da Constituição de 1988 foi instituída uma política educacional que garantiu o direito ao ensino das línguas indígenas na Educação Básica (EB) indígena, entretanto, permanece a carência de materiais didáticos para todas as etapas da EB, o que obstaculiza o desenvolvimento das línguas nativas em ambiente escolar fazendo prevalecer o uso da língua portuguesa. Por meio de atuação conjunta com a UEM, foi proposta a criação de materiais didáticos com atividades para o ensino de línguas indígens em escolas indígenas no estado do Paraná. No processo de elaboração desses materiais, houve encontros a distância com professores/as de escolas de quatro terras indígenas diferentes e, a partir das demandas apontadas e de materiais previamente construídos por esses/as docentes, foi construída uma proposta didática. Como resultado, houve a elaboração de Cadernos Orientadores com atividades de alfabetização e letramento nas línguas determinadas por cada comunidade indígena.

Palavras-chave: Pedagogia indígena. Povos Indígenas. Material Didático.

[1] Supervisora do projeto; DEEL; UEPG; ligiacouto@uepg.br.

[2] Professora do Curso de Letras; DEEL; UEPG; ionejovino@gmail.com.

[3] Acadêmica do Curso de Letras; UEPG; kethmalik22@gmail.com.

[4] Coordenadora do projeto de extensão; DEEL; UEPG; leticiafraga@gmail.com.

NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: Estudos e ações indígenas 2ª edição.

PÚBLICO-ALVO

Professores indígenas e não indígenas, em formação inicial ou continuada das escolas participantes. De forma indireta, alunos das escolas indígenas e não indígenas participantes.

JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica pelo fato de que, ainda atualmente, a versão "oficial" da história do Brasil e da América Latina, que prevalece em livros didáticos, é contada a partir do ponto de vista do colonizador. Diferentemente da ideologia que se tentou implantar no México, de que todos são mestiços, "no Brasil, a política de genocídio dos povos indígenas, aliada à política de branqueamento da população afrodescendente gerou uma outra narrativa nacional, na tentativa de se forjar a imagem de um país que se queria (ou que alguém queria) "todo branco e católico", ideologia essa até hoje muito presente e no imaginário" (GOMES, 2012, p. 10). Dessa forma, a presença indígena na história do nosso país é relegada à época do descobrimento e invisibilizada nos dias atuais, o que inclui a invisibilidade da cultura indígena, concebida como "outra cultura", que mesmo sendo considerada outra, quando conhecida, "revela muito sobre a 'nossa cultura'", as quais estão em constante interação, razão pela qual, segundo "Raimon Panikkar [...] seria o único modo de conhecer as culturas [realizando] um diálogo intercultural" (apud GOMES, 2012, p. 12, grifos da autora).

Em termos de políticas linguístico-educacionais, as voltadas às comunidades de línguas/culturas minoritárias alternaram "momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas" (CAVALCANTI, 1999, p. 4). No século XVIII, por exemplo, o Marquês de Pombal, através do Diretório dos Índios (1758), estabeleceu que a única língua que podia ser falada era o português. Na sequência, o processo de imposição da língua portuguesa como única foi ratificado pela chamada política de nacionalização do ensino, implementada a partir de 1938, pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que fechou escolas e proibiu o uso de línguas indígenas bem como das línguas de imigrantes, principalmente alemão e italiano.

Como resultado desses processos, a língua portuguesa e a cultura eurocêntrica substituíram as outras línguas que eram faladas e culturas presentes no país por força de lei e também "de

mecanismos sociais que ganharam força com a evolução dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, consequentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos" (CAVALCANTI, 1999, p. 6). Desse modo, justificamos este projeto considerando a importância de, a partir da realização de um levantamento do que se tem feito (que ainda é desconhecido) em termos de políticas linguístico-educacionais, no que diz respeito a pedagogias "outras", que tratam de línguas e culturas minoritárias aqui presentes a partir de um referencial teórico que se sustenta nos trabalhos de intelectuais indígenas, como Inácio (2010) e Benites (2012), sendo que a primeira trata da pedagogia Kaingang e o segundo, da pedagogia Guarani.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é apresentar os produtos desenvolvidos em parceria com o programa Saberes Indígenas, coordenado pela UEM, que se referem a materiais didáticos específicos para escolas indígenas no contexto paranaense.

METODOLOGIA

Para a construção dos materiais didáticos, foi necessário conhecer o grupo de professores/as e a demanda de cada uma das escolas indígenas. Para isso, foram realizados dois encontros a distância e os/as professores/as foram se apresentando e apresentando a realidade de suas escolas. No total, eram quatro escolas e cada uma delas tinha demandas diversas, o que gerou a produção de materiais didáticos diferentes. Esses materiais foram intitulados de Cadernos Orientadores. Após esses encontros iniciais em conjuntos, tivemos encontros individuais com docentes de cada uma das terras indígenas. Nesses encontros individuais, discutimos sobre materiais que professores/as já haviam produzido e como poderíamos utilizá-los para compor o Caderno Orientador. Além disso, fomos compreendendo melhor as necessidades das aulas de línguas e quais tipos de atividades fariam mais sentido para os processos de ensino/aprendizagem que professores/as gostariam de propor.

Apesar de demandas e de conteúdos serem diferentes, os Cadernos Orientadores apresentaram estrutura semelhante. Inicialmente, páginas introdutórias apresentando: a) os/as autores/as do material, todos/as eles/as professores/as indígenas; b) a terra indígena onde a escola se localiza; c) foto e nome da escola indígena onde o material será utilizado; d) os conteúdos que foram trabalhados e o motivo da escolha de tais conteúdos; e) e o sumário. Após esta parte introdutória, havia a organização das atividades em unidades temáticas e, ao final de cada unidade temática, um projeto a ser conduzido com a ajuda da comunidade indígena.

Uma peculiaridade é que, em todos os casos, os/as professores/as das comunidades indígenas tinham dificuldade de acesso a computadores para digitar seus materiais e muita coisa estava escrita à mão. Assim, a acadêmica do curso de Letras ficou responsável pela digitação e organização deste material. O trabalho de digitação foi durante um período de mais ou menos um mês e meio, contendo mais de 130 atividades.

Para a acadêmica, o trabalho foi de grande aprendizado, pois ela nunca havia tido contato com línguas indígenas e, para desenvolver essa ação, teve que se adaptar, teve algumas dificuldades, pois alguns materiais eram feitos à mão, ou havia captura de imagens com a escrita não muito nítida. Porém, aprendeu muito com as atividades, e principalmente sobre como produzi-las e, atualmente, deseja aprender mais sobre línguas e culturas indígenas.

RESULTADOS

Foram produzidos quatro Cadernos Orientadores, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Descrição de Cadernos Orientadores

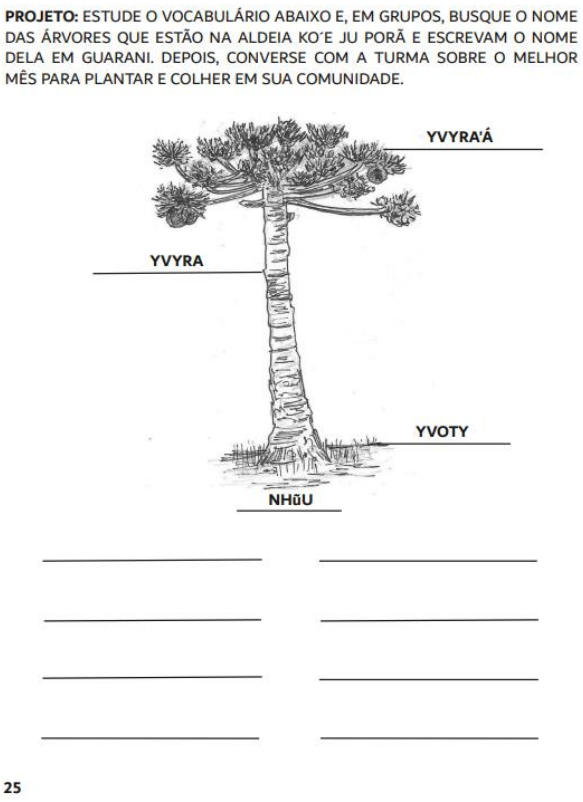
Terra Indígena	Número de Professores/autores	Língua alvo	Nível de Ensino
Marrecas	2 professoras 1 professor	Kaingang	Educação Infantil e Ensino Fundamental I
Mococa	4 professores	Kaingang	Ensino Fundamental I – 1º Ciclo
Queimadas	3 professores 3 professoras	Kaingang	Ensino Fundamental I e II Ensino Médio
Turvo	2 professoras	Mbya Guarani	Ensino Fundamental I – 1º Ciclo

Fonte: As autoras

É importante destacar que a produção de materiais didáticos para professores/as indígenas usarem em escolas indígenas está garantido por lei, no entanto, a dificuldade de acesso a esses materiais é muito grande, conforme nos foi relatado por esses/as mesmos/as professores/as. Então, a produção desses Cadernos Orientadores para auxiliar nas aulas de língua kaingang e Mbya guarani será fundamental nos processos de ensino/aprendizagem dessas quatro comunidades escolares.

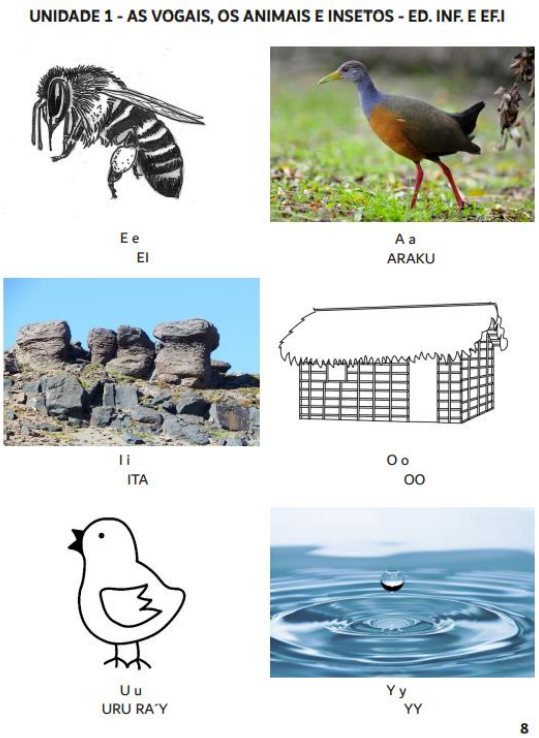
A seguir, trazemos duas imagens de material produzido por duas professoras da Terra Indígena de Turvo:

Figura 1 – Atividade de Caderno Orientador de Turvo



Legenda: Exemplo de atividade que conclui unidade. Sempre há relação com a vida na comunidade.

Figura 2 – Atividade de Caderno Orientador de Turvo



Legenda: Exemplo de atividade que abre unidade no 1º ciclo do Ensino Fundamental I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento deste trabalho, entendemos que a parceria com escolas indígenas para a produção de materiais para o ensino das línguas indígenas no contexto paranaense é fundamental para que os saberes ancestrais dos povos indígenas sejam preservados e ampliados.

APOIO:

Bolsa PROEX-UEPG

REFERÊNCIAS

BENITES, T. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá impactos e interpretações indígenas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. v. 500. 120p.

CAVALCANTI, Marilda C. Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of linguistic minorities. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar 2007.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Prólogo. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela. **Povos indígenas e escolarização**: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de janeiro: Garamond, 2012.